



DOUTRINAS DA **Graça**

A glória e a soberania de Deus
na salvação dos pecadores

CTB IBRVN
NOVEMBRO DE 2014

“Deus ‘nos escolheu nele antes da fundação do mundo, nos predestinou para a adoção de filhos’, não porque seríamos santos e sem mácula por nós mesmos, mas ele nos escolheu e nos predestinou para que nos tornássemos assim.”

Agostinho de Hipona

“O fundamento e a causa primeira, tanto de nossa vocação como de todas as benesses que recebemos de Deus, são aqui declarados como sendo sua eterna eleição. Caso se pergunte sobre a razão pela qual Deus nos chamou ao usufruto do evangelho, por que diariamente nos outorga tantas bênçãos, por que nos abre a porta do céu – a resposta se encontrará constantemente neste princípio: que ele nos escolheu antes da fundação do mundo.”

João Calvino, comentando Efésios 1.4

“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie.”

Efésios 2.8-9

“Não existe a pregação de Cristo e este crucificado a não ser que preguemos o que hoje em dia se chama de calvinismo. O calvinismo é um apelido, pois calvinismo é simplesmente o evangelho – nada mais. Não creio que estejamos pregando o Evangelho a não ser que preguemos a soberania de Deus em sua dispensação da graça; nem se não exaltarmos o amor que elege [...] de Jeová. Não penso que possamos pregar o Evangelho a não ser que o baseemos sobre a redenção especial e particular dos seus eleitos e povo escolhido, nos quais Cristo operou sobre a cruz; nem consigo compreender um Evangelho que permita que os santos caíam depois de terem sido chamados.”

Charles Spurgeon

DOCTRINAS DA GRAÇA

Esta é a apostila (muito mais um roteiro) que acompanha o módulo sobre os cinco pontos do calvinismo – também conhecidos como as doutrinas da graça – do CTB da IBRVN. O CTB é o Centro de Treinamento Bíblico, uma iniciativa em que determinados assuntos são estudados de forma intensiva visando o aprendizado e a aplicação daquele tema específico à vida.

Como de praxe, este material é uma compilação de livros, artigos, mensagens e palestras que marcaram o autor e foram remodelados para repassar aos demais irmãos. Os textos bíblicos utilizados são da versão Almeida Revista e Atualizada, salvo quando outra versão for indicada.

“... de graça recebestes, de graça dai.” – Mt 10.38b

Sumário

Introdução	4
1. Panorama histórico	6
1.1. Agostinho e a controvérsia pelagiana	6
1.2. Reforma Protestante e a controvérsia arminiana	8
2. Doutrinas da Graça	9
2.1. Depravação total	9
2.2. Eleição incondicional	16
2.3. Expição limitada.....	23
2.4. Graça irresistível.....	30
2.5. Perseverança dos santos	44
Conclusão	54
Bibliografia.....	55

Introdução

Este estudo concentra-se nas doutrinas da graça, também conhecidas como os cinco pontos do Calvinismo, embora saibamos que todo o trabalho de Calvino, bem como a fé reformada, abrange muito mais do que essas cinco doutrinas.

As doutrinas da graça estão inteiramente alicerçadas na doutrina da soberania divina. Deus, no livre exercício de sua suprema autoridade, segundo os seus eternos propósitos, estendeu sua graça salvífica a alguns pecadores; não a todos os pecadores, mas somente aos que ele escolheu salvar antes que o tempo começasse e preservar para toda a eternidade, para a sua própria glória.

“³ Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, ⁴ assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor ⁵ nos destinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, ⁶ para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado, ⁷ no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça, ⁸ que Deus derramou abundantemente sobre nós em toda a sabedoria e prudência, ⁹ desvendando-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo, ¹⁰ de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra; ¹¹ nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade, ¹² a fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que de antemão esperamos em Cristo; ¹³ em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa; ¹⁴ o qual é o penhor da nossa herança, até ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória.”
(Efésios 1.3-14)

Estudar as doutrinas da graça, portanto, é fundamental para a vida cristã, pois significa contemplar a majestade de Deus e, acima de tudo, reconhecer o modo soberano como Pai, Filho e Espírito Santo graciosamente agem na salvação e na eterna preservação dos eleitos.

Em algum momento após os primeiros anos da Reforma Protestante (a partir do séc. XVII; ninguém sabe exatamente quando ou como), as doutrinas da graça foram organizadas no acrônimo **TULIP** (segundo a designação, em inglês, de cada doutrina), e assim chamadas:

- Depravação total (*Total depravity*)
- Eleição incondicional (*Unconditional election*)
- Expição limitada (*Limited atonement*)
- Graça irresistível (*Irresistible grace*)
- Perseverança dos santos (*Perseverance of the saints*)

Alguns teólogos, ao longo do tempo, sugeriram outros nomes a essas doutrinas, na expectativa de tornar mais claro o significado de cada uma. Por exemplo, James Montgomery Boice sugeriu os seguintes nomes: depravação radical, eleição incondicional, redenção particular, graça eficaz e graça perseverante.

Embora nos consideremos calvinistas, não cremos que a nossa autoridade está em Calvino ou em qualquer outro teólogo. Jamais negaremos o *Sola Scriptura*. Somente a Bíblia é a autoridade absoluta, inerrante e suficiente em todas as matérias de fé e de prática.

“Não devo considerar errado o ser chamado calvinista por motivo de distinção; embora negue totalmente uma dependência de Calvino ou que creio nas doutrinas que sustento porque ele cria nessas mesmas doutrinas e as ensinava; e não posso, com justiça, ser acusado de crer em cada doutrina tal como ele a ensinou.” – Jonathan Edwards

No entanto, cremos que, partindo das Escrituras, o Calvinismo é o sistema teológico que melhor e mais coerentemente explica como a maravilhosa graça de Deus alcança o pecador.

“Não existe a pregação de Cristo e este crucificado a não ser que preguemos o que hoje em dia se chama de calvinismo. O calvinismo é um apelido, pois calvinismo é simplesmente o evangelho – nada mais. Não creio que estejamos pregando o Evangelho a não ser que preguemos a soberania de Deus em sua dispensação da graça; nem se não exaltarmos o amor que elege [...] de Jeová. Não penso que possamos pregar o Evangelho a não ser que o baseemos sobre a redenção especial e particular dos seus eleitos e povo escolhido, nos quais Cristo operou sobre a cruz; nem consigo compreender um Evangelho que permita que os santos caiam depois de terem sido chamados.” – Charles Spurgeon

1. Panorama histórico

Apesar de normalmente associarmos as doutrinas da graça à Reforma Protestante no séc. XVI, ou especificamente a Calvino, nada substancialmente novo sobre as doutrinas da graça e da soberania de Deus na salvação foi ensinado pelos primeiros reformadores, que já não tivesse sido desenvolvido, mesmo que de forma rudimentar, pelos primeiros Pais da Igreja e ao longo da história.

“Nos reformadores, as doutrinas da graça chegaram à sua expressão máxima. Daí, a Reforma pode ser vista como a recuperação das doutrinas que foram ensinadas pelos profetas, pelos apóstolos e, sobretudo, por Jesus Cristo. Além do mais, o movimento protestante foi uma revitalização das verdades antigas ensinadas por muitos dos Pais da Igreja, especialmente Agostinho, e muitos teólogos medievais. E assim, a Reforma, na realidade, foi a restauração das doutrinas que exaltam a Deus, as quais foram declaradas com diferentes graus de clareza pelos líderes da igreja ao longo dos primeiros quinze séculos da história da igreja.” – Steven Lawson

Portanto, os primeiros reformadores não propuseram novidades teológicas (essa culpa era da Igreja Católica Romana!), mas buscaram voltar às Escrituras e à teologia dos Pais da Igreja.

1.1. Agostinho e a controvérsia pelagiana

Agostinho de Hipona (354–430), considerado um dos maiores teólogos de todos os tempos, foi o primeiro a sistematizar e conectar as doutrinas da depravação total e da graça soberana de Deus na salvação de seus eleitos, e destacou-se também por sua forte oposição ao ensino pelagiano.

“Pelágio (354–418), o herege bispo britânico, defendeu que o homem, em seu estado natural, retém a capacidade moral de realizar sua salvação pessoal. Pelágio asseverou que Adão, por seu pecado, prejudicou somente a si próprio. Assim, os homens entram no mundo sem a depravação do pecado original. Ele afirmava que as crianças aprendem a pecar por seus ambientes ruins e maus exemplos. O homem possui livre-arbítrio, de tal modo desembaraçado do pecado, que pode escolher agradar a Deus. Assim, Pelágio viu a eleição como

baseada na previsão divina, fazendo a salvação depender inteiramente da escolha e capacidade do homem.” – Steven Lawson

Em resposta ao ensino pelagiano, Agostinho defendeu que todos nascem totalmente depravados e espiritualmente mortos, de modo que a vontade humana é livre apenas para pecar e não para fazer uma escolha moralmente boa em relação a Deus. Ele ensinou que ninguém pode crer em Cristo sem uma ação soberana de Deus que vença a resistência pecaminosa do homem. Também refutou a falsa noção de uma eleição segundo a previsão divina.

“Com toda firmeza, ele manteve o ensino bíblico do pecado original, da depravação total, da eleição soberana, da regeneração monergística e da predestinação absoluta. Ele via o homem como totalmente infeccionado pela corrupção radical e, portanto, incapaz de iniciar ou contribuir para sua salvação. Por necessidade, visualizava Deus como soberano no exercício de sua graça salvífica para com pecadores eleitos. Com respeito à eleição, Agostinho ensinou que a salvação é um dom soberano, fixado na eternidade pretérita, sem qualquer consideração pelo mérito do homem.” – Steven Lawson

A posição de Agostinho tornou-se, inicialmente, dominante, mas, após sua morte, a igreja medieval mudou de posição e adotou uma posição intermediária, conhecida como semipelagianismo, buscando suavizar os pontos nos quais Agostinho teria exagerado. Segundo essa posição, o homem não está espiritualmente morto, mas apenas enfermo; a graça de Deus é necessária para a salvação, mas o livre-arbítrio do homem precisa cooperar com a graça, sendo possível resistir a ela; e a eleição está baseada no que Deus previu que o homem faria quando submetido a uma escolha.

O debate sobre os efeitos do pecado original e a soberania de Deus na salvação continuou ao longo da história (e continua até hoje!) e jamais foi resolvido dentro da teologia católica medieval.

“Todo o sistema semipelagiano se tornou o fundamento da doutrina das obras de justiça da Igreja Católica Romana. Toda a estrutura imponente das obras justas do romanismo estava fundamentada de modo inequívoco nessa modificação do pelagianismo.” – Herman Hanko

1.2. Reforma Protestante e a controvérsia arminiana

No séc. XVI, a Reforma Protestante é marcada por um genuíno avivamento da doutrina agostiniana e pela rejeição das heresias católicas. Há grande ênfase na glória de Deus, na eleição com base na soberania de Deus, na salvação dos pecadores pela graça, e na fé em Cristo como dom de Deus e única coisa necessária à salvação.

“A Reforma protestante foi caracterizada por sua rejeição da ideia da autonomia do livre-arbítrio e pela afirmação da livre graça e da soberania de Deus. [...] Os reformadores foram totalmente unânimes em condenar a doutrina do livre-arbítrio, da forma como era entendida pelos católicos e, mais tarde, pelos arminianos.” – Franklin Ferreira

*“Os reformadores explanaram, sem qualquer embaraço, a verdade fundamental – que **Deus é Deus**. Com alegria, atribuíram a Deus seu lugar de direito como soberano Senhor sobre todas as coisas. Proclamaram que ele reina soberanamente sobre as atividades da história humana e sobre o destino eterno de todos os homens. [...] Além do mais, entenderam que a salvação é inteiramente obra graciosa de Deus. Afirmaram a atividade soberana de Deus de resgatar homens caídos, dirigida por seu propósito eterno.” – Steven Lawson*

Um dos maiores expoentes da Reforma foi João Calvino (1509–1564), o famoso teólogo e pastor de Genebra. Em 1536, publicou a primeira edição de suas *Institutas da Religião Cristã*, sua mais importante obra, que tem influenciado grandemente a igreja desde então. De maneira sistemática, expôs as doutrinas da graça deixando claro que não eram novas doutrinas, mas reafirmações do ensino dos profetas e dos apóstolos, bem como dos Pais da igreja.

A controvérsia entre o arminianismo e o calvinismo surgiu na Holanda, no início séc. XVII. Jacó Armínio (1560–1609) estudou em Genebra, sob o ministério de Teodoro Beza, sucessor de Calvino; se tornou um professor de teologia na Universidade de Leiden e passou a ensinar doutrinas contrárias à fé reformada.

Em 1610, seguidores de Armínio redigiram um credo com cinco declarações doutrinárias, chamado de *Remonstrância*, e o submeteram às autoridades das igrejas reformadas na Holanda, para que fosse aprovado.

As proposições dos arminianos foram, resumidamente:

- ainda que a queda tenha afetado o homem, não o deixou em um estado de total depravação, de modo que pode, pelo livre-arbítrio, chegar à fé e ao arrependimento;
- a eleição está baseada na presciência que Deus tem daqueles que responderão ao evangelho, em fé e obediência;
- Cristo morreu por todas as pessoas no mesmo sentido, ou seja, com a intenção de dar oportunidade de salvação e todos;
- como Deus deseja que cada pessoa seja salva, então o ser humano é livre para rejeitar a graça divina; ou seja, a obra do Espírito Santo é muito mais uma persuasão intelectual do que propriamente regeneração;
- mesmo que tenha recebido a Cristo como salvador, o ser humano ainda pode apostatar da fé e perder sua salvação.

A resposta calvinista veio por meio do Sínodo de Dort, realizado de novembro de 1618 a maio de 1619, que reuniu delegados das igrejas reformadas da Holanda e de todo o continente europeu. As cinco proposições apresentadas pelos arminianos foram consideradas contrárias às Escrituras e rejeitadas. Como resposta às proposições arminianas, o Sínodo de Dort escreveu cinco doutrinas, com base nas Escrituras e em coerência com a fé reformada, colocando-as no que se tornou conhecido como os *Cânones de Dort*. Essas doutrinas tornaram-se conhecidas como os cinco pontos do calvinismo, em resposta aos cinco pontos arminianos.

2. Doutrinas da Graça

2.1. Depravação total

“A humanidade está morta no pecado. Ela não está viva nem doente, mas morta. Isso quer dizer que todas as esferas do ser humano, tais como a mente, a vontade e as emoções, estão corrompidas pelo pecado. Sem a intervenção sobrenatural do Espírito Santo, ninguém receberia livremente a oferta do evangelho.” – Franklin Ferreira

“Nossa corrupção pecaminosa é tão profunda e tão forte que nos torna escravos do pecado e moralmente incapazes de vencermos nossa rebelião e cegueira. Esta incapacidade de salvarmos a nós mesmos é total. Somos completamente dependentes da graça de Deus

para vencer nossa rebelião, para dar-nos olhos para ver e atrair-nos eficazmente ao Salvador.” – John Piper

REFERENCIAL DOUTRINÁRIO

“No princípio, o homem foi criado à imagem de Deus. Foi adornado em seu entendimento com o verdadeiro e salutar conhecimento de Deus e de todas as coisas espirituais. Sua vontade e seu coração eram retos, todos os seus afetos, puros; portanto, era o homem completamente santo. Mas, desviando-se de Deus sob instigação do Diabo e pela sua livre vontade, ele se privou desses dons excelentes. Em lugar disso, trouxe sobre si cegueira, trevas terríveis, leviano e perverso juízo em seu entendimento; malícia, rebeldia e dureza em sua vontade e em seu coração; e ainda impureza em todos os seus afetos. [...] Portanto, todos os homens são concebidos em pecado e nascem como filhos da ira, incapazes de qualquer ação que os salve, inclinados para o mal, mortos no pecado e escravos dele. Sem a graça do Espírito Santo regenerador, não desejam nem tampouco podem retornar a Deus, corrigir sua natureza corrompida ou ao menos estar dispostos a essa correção.” – Cânones de Dort, 3º e 4º Capítulos, Artigos 1 e 3

CORRUPÇÃO TOTAL E ESCRAVIDÃO DO PECADO

A natureza humana foi corrompida pelo pecado de tal forma que a vontade tornou-se escrava do pecado e não pode libertar-se dele. O pecador não regenerado escolhe ou decide, sempre e necessariamente, obedecer ao pecado.

“Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum.” (Romanos 7.18a)

“Em verdade, em verdade vos digo: todo o que comete pecado é escravo do pecado.” (João 8.34)

Assim, a partir da queda de Adão, o homem tornou-se moralmente incapaz de exercer sua vontade livremente para vencer sua rebelião contra Deus, sendo, portanto, totalmente incapaz de fazer o bem, de crer, de salvar a si mesmo e vencer sua cegueira espiritual. Daí não ser possível crer na salvação com base no livre-arbítrio uma vez que a vontade humana é escrava da própria natureza humana pecaminosa.

“Cristo declara que todos aqueles que não foram libertados estão numa escravidão, e que todos os que derivam o contágio do pecado da natureza corrupta são escravos desde o nascimento.” – João Calvino, comentando João 8.34

Portanto, a natureza humana é totalmente corrompida pelo pecado, escrava do pecado, sempre inclinada para fazer o mal.

“Não significa que o ser humano se tornou tão mau quanto pode ser, mas que todas as partes da natureza humana sofreram os danos do pecado: a mente, a vontade, as emoções e até o corpo. [...] Muitos pecadores conseguem fazer boas obras e mostrar amor e compaixão para com os outros. [...] Mas a depravação total significa que mesmo as boas obras estão contaminadas por motivos maus. [...] O problema é que tudo o que o homem faz, enquanto não reconciliado com Deus, ele o faz a partir da sua atitude de autonomia. Tudo que o pecador faz é realizado com base em sua rebeldia contra Deus, e não para sua glória.” – Franklin Ferreira

“Tudo o que não provém de fé é pecado.” (Romanos 14.23b)

Assim, a depravação da natureza humana é *total* não quanto ao grau em que nós a manifestamos, mas quanto à sua extensão. Todos os aspectos do nosso ser são contaminados pelo pecado e sujeitos à escravidão.

Além disso, o indivíduo não convertido também é mantido cativo sob o governo perverso do Diabo, sujeito a praticar a vontade dele.

⁴⁴ Vós sois do diabo, que é vosso pai, e **quereis satisfazer-lhe os desejos**. Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira. ⁴⁵ Mas, porque eu digo a verdade, não me credes.” (João 8.44-45)

¹ Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, ² nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, **segundo o príncipe da potestade do ar**, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; ³ entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais.” (Efésios 2.1-3)

Incapacidade de compreender a verdade espiritual de Deus

Todos os homens nascem espiritualmente cegos e surdos, ou seja, são completamente insensíveis ao reino de Deus, e incapazes de entender as verdades da Palavra de Deus e o padrão divino de justiça.

“Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, **não pode ver** o reino de Deus.” (João 3.3)

“⁴³ Qual a razão por que não compreendeis a minha linguagem? É porque **sois incapazes de ouvir** a minha palavra. [...] ⁴⁷ Quem é de Deus ouve as palavras de Deus; por isso, **não me dais ouvidos**, porque não sois de Deus.” (João 8.43, 47)

“¹⁰ Está escrito: Não há justo, nem um sequer, ¹¹ **não há quem entenda.**” (Romanos 3.10-11a)

“Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e **não pode entendê-las**, porque elas se discernem espiritualmente.” (1 Coríntios 2.14)

De fato, todos os homens nascem fora do Reino de Deus, separados do Deus santo, completamente alheios a ele e alienados espiritualmente.

“Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito **não pode entrar no reino de Deus.**” (João 3.5)

“¹⁷ Digo e no Senhor testifico que não mais andeis como também andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos, ¹⁸ obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração.” (Efésios 4.17-18)

Incapacidade de buscar a Deus

O homem não convertido, por natureza, está espiritualmente morto em seu pecado; portanto, não é capaz de buscar a Deus, e muito menos responder positivamente ao chamado de Deus. Por isso, o pecador, morto espiritualmente, não pode contribuir com coisa alguma para a própria salvação, nem mesmo com a fé; é totalmente dependente da graça de Deus.

“¹¹ **não há quem busque a Deus;** ¹² todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer.” (Romanos 3.11b-12)

“[Deus] vos deu vida, estando vós **mortos** nos vossos delitos e pecados.” (Efésios 2.1)

“⁴⁴ **Ninguém pode vir a mim** se o Pai, que me enviou, não o trouxer [...] ⁶⁵ E prosseguiu: Por causa disto, é que vos tenho dito: **ninguém poderá vir a mim**, se, pelo Pai, não lhe for concedido.” (João 6.44a, 65)

Incapacidade de submeter-se a Deus e fazer o bem

Os homens não convertidos estão em estado de rebelião contra Deus; são inimigos de Deus, sempre inclinados para o mal; sem a graça de Deus, não há nenhum prazer na santidade de Deus, nenhum temor, nenhuma submissão à sua autoridade. O homem natural não se submete e nem pode se submeter a Deus.

“¹⁸ Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro do que a vós outros, **me odiou a mim**. [...] ²³ Quem me odeia **odeia também a meu Pai**.” (João 15.18, 23)

“¹¹ Não há quem entenda, não há quem busque a Deus; ¹² todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; **não há quem faça o bem**, não há nem um sequer. [...] ¹⁸ **Não há temor de Deus** diante de seus olhos.” (Romanos 3.11-12, 18)

“Por isso, o pendor da carne é **inimizade contra Deus**, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar. ⁸ Portanto, **os que estão na carne não podem agradar a Deus**.” (Romanos 8.7-8)

UMA RAÇA TOTALMENTE CORROMPIDA

“Depois da queda, o homem corrompido gerou filhos corrompidos. Então, a corrupção, de acordo com o justo julgamento de Deus, passou de Adão para todos os seus descendentes, com exceção de Cristo somente. Não passou por imitação, como os antigos pelagianos afirmavam, mas por procriação da natureza corrompida.” – Cânones de Dort, 3º e 4º Capítulos, Artigo 2

Quando Adão pecou, a natureza humana tornou-se totalmente corrompida, sendo transmitida a todas as gerações seguintes.

**“Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe.”
(Salmo 51.5)**

“O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito.” (João 3.6)

A imputação da culpa de Adão a toda a humanidade

Deus considerou que cada membro da raça humana estava representado em Adão no jardim do Éden; por isso, quando Adão pecou, todos se tornaram participantes do seu pecado e foram considerados tão culpados quanto ele.

¹² Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também **a morte passou a todos os homens**, porque todos pecaram. [...] ¹⁸ Pois assim como, **por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação**, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida.” **(Romanos 5.12, 18)**

²¹ Visto que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. ²² Porque, assim como, **em Adão, todos morrem**, assim também todos serão vivificados em Cristo.” **(1 Coríntios 15.21-22)**



Parece justo ser culpado por um pecado cometido por Adão há milhares de anos?

“Se achamos injusto ser representados por Adão, então devemos também achar injusto que Cristo nos represente e que sua justiça seja imputada por Deus [a nós].” – Wayne Grudem

“Deus se relaciona com a humanidade como uma unidade orgânica, representada por Adão, o cabeça da raça. [...] Deus também considera a nova humanidade, os redimidos por Cristo, como uma unidade orgânica, representada em Cristo e por Cristo, o cabeça da igreja.” – Franklin Ferreira

A justa condenação eterna dos pecadores

De fato, a Bíblia afirma que todos os pecadores não regenerados estão debaixo da santa ira de Deus, e receberão a justa condenação.

“Por isso, quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas **sobre ele permanece a ira de Deus.**” (João 3.36)

“entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e **éramos, por natureza, filhos da ira**, como também os demais.” (Efésios 2.3)

“⁶ se, de fato, é justo para com Deus que ele dê em paga tribulação aos que vos atribulam ⁷ e a vós outros, que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, ⁸ em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. ⁹ Estes **sofrerão penalidade de eterna destruição**, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder.” (2 Tessalonicenses 1.6-9)

Os indivíduos não regenerados chegam ao conhecimento de Deus por meio da revelação geral, mas recusam-se a glorificá-lo como Deus. Por isso, são indesculpáveis.

“²⁰ Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. **Tais homens são, por isso, indesculpáveis;** ²¹ **porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças;** antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. ²² Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos ²³ e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis.” (Romanos 1.20-23)

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- Conforme 1 Coríntios 2.14, que capacidade tem o homem não regenerado de entender as verdades espirituais? Qual o efeito disso em nossa obra de evangelização?
- De que modo a doutrina da depravação total (ou, mais especificamente, o fato de que o homem não pode de forma alguma contribuir para a sua salvação) nos leva a exaltar a glória de Deus?
- Como nossos relacionamentos uns com os outros são impactados pela doutrina da depravação total?

2.2. Eleição incondicional

“A eleição é incondicional. Deus escolhe os indivíduos para serem salvos, sem referência alguma às suas boas obras previstas ou qualquer ação que eles fariam no sentido de crer no evangelho. Se Deus dependesse de sua presciência para descobrir quem creeria, para elegê-las, sua presciência somente revelaria que ninguém creeria em Cristo. E porque ninguém creeria em Cristo, Deus escolhe os que serão salvos.” – Franklin Ferreira

“A eleição de Deus é um ato incondicional da graça livre, dada por meio de seu filho Jesus, antes de o mundo existir. Por meio deste ato, Deus escolheu, antes da fundação do mundo, aqueles que seriam libertos da escravidão do pecado e levados ao arrependimento e à fé salvadora em Jesus.” – John Piper

REFERENCIAL DOUTRINÁRIO

“Esta eleição é o imutável propósito de Deus, pelo qual ele, antes da fundação do mundo, escolheu um número grande e definido de pessoas para a salvação, por graça pura. Estas são escolhidas de acordo com o soberano bom propósito de sua vontade, dentre todo o gênero humano, decaído, por sua própria culpa, de sua integridade original para o pecado e a perdição. Os eleitos não são melhores ou mais dignos que os outros, mas envolvidos na mesma miséria. São escolhidos, porém, em Cristo, a que Deus constituiu, desde a eternidade, Mediador, Cabeça de todos os eleitos e fundamento da salvação. E, para salvá-los por Cristo, Deus decidiu dá-los a ele e

efetivamente chamá-los e atraí-los à sua comunhão por meio da sua Palavra e de seu Espírito. Em outras palavras, ele decidiu dar-lhes verdadeira fé em Cristo, justificá-los, santificá-los e, depois, os tendo guardado poderosamente na comunhão de seu Filho, finalmente glorificá-los. Deus fez isto para a demonstração de sua misericórdia e para o louvor da riqueza de sua gloriosa graça.” – Cânones de Dort, 1º Capítulo, Artigo 7

UMA ESCOLHA BASEADA EXCLUSIVAMENTE NA VONTADE SOBERANA DE DEUS

“A causa desta eleição graciosa é somente o bom propósito de Deus. Esse bom propósito não consiste no fato de que, dentre todas as condições possíveis, Deus tenha escolhido certas qualidades ou ações dos homens como condição para a salvação. Mas esse bom propósito consiste no fato de que Deus adotou certas pessoas dentre a multidão inteira de pecadores para ser sua propriedade.” – Cânones de Dort, 1º Capítulo, Artigo 10

Não houve (ou não foi revelado a nós) qualquer critério ou princípio utilizado por Deus para a escolha daqueles a quem ele salvaria, a não ser a sua própria vontade.

“Deus tem em sua própria vontade uma razão suficientemente justa para eleger e para reprovar.” – João Calvino

¹⁵ Terei misericórdia **de quem me aprover** ter misericórdia e compadecer-me-ei **de quem me aprover** ter compaixão. [...] ¹⁸ Logo, tem ele [Deus] misericórdia **de quem quer** e também endurece **a quem lhe apraz.” (Romanos 9.15, 18)**

⁴ [Deus] nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor ⁵ nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, **segundo o beneplácito de sua vontade,** ⁶ para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado.” **(Efésios 1.4-6)**

“[Deus] nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas **conforme a sua própria determinação e graça** que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos.” **(2 Timóteo 1.9)**

Uma escolha feita na eternidade

“A Escritura nos prega o único bom propósito e conselho da vontade de Deus, pelo qual ele nos escolheu desde a eternidade, tanto para a graça como para a glória, assim também para a salvação e para o caminho da salvação, o qual preparou para que andássemos nele (Ef 1.4-5; 2.10)” – Cânones de Dort, 1º Capítulo, Artigo 8

A eleição é um decreto eterno de Deus, ou seja, algo que ele determinou realizar antes da criação do mundo, muito antes de qualquer pessoa crer em Cristo.

“Deus, é verdade, escreveu os nomes de seus filhos no Livro da Vida antes da criação do mundo.” – João Calvino

“Porquanto **aos que de antemão conheceu**, também os destinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.” (**Romanos 8.29**)

“⁴ [Deus] **nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo**, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor ⁵ nos destinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade.” (**Efésios 1.4-5**)

“Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus **vos escolheu desde o princípio** para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade.” (**2 Tessalonicenses 2.13**)

“[Deus] nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, **antes dos tempos eternos.**” (**2 Timóteo 1.9**)

Uma escolha imutável e irresistível

“Como Deus é supremamente sábio, imutável, onisciente, e Todopoderoso, assim sua eleição não pode ser cancelada e depois renovada, nem alterada, revogada ou anulada; nem mesmo podem os eleitos ser rejeitados ou o número deles ser diminuído.” – Cânones de Dort, 1º Capítulo, Artigo 11

O caráter imutável da eleição torna segura e certa a salvação dos eleitos. Nada pode impedir os eleitos de serem alcançados pela graça salvífica.

“²⁹ Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. ³⁰ E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.” (Romanos 8.29-30)

“porque os dons e a vocação de Deus são **irrevogáveis.**” (Romanos 11.29)

Uma escolha não baseada em fé ou boas obras previstas

“Esta eleição não é baseada em fé prevista, em obediência de fé, santidade ou qualquer boa qualidade ou disposição, que seria uma causa ou condição previamente requerida ao homem para ser escolhido. Ao contrário, esta eleição é para a fé, a santidade, etc. Eleição, portanto, que é a fonte de todos os bens da salvação e, finalmente, tem a própria vida eterna como seu fruto. É conforme o testemunho do apóstolo: Ele... nos escolheu... não por sermos, mas... para sermos santos e irrepreensíveis perante Ele... (Ef 1.4).” – Cânones de Dort, 1º Capítulo, Artigo 9

A eleição é chamada de *incondicional* porque não é determinada por qualquer condição que o homem precise satisfazer antes de Deus escolher salvá-lo. Deus não escolheu aqueles a quem salvaria porque previu a fé ou alguma qualidade ou mesmo uma inclinação para o bem que teriam. A escolha soberana é imerecida e, portanto, estritamente misericordiosa.

“¹¹ E ainda não eram os gêmeos nascidos, **nem tinham praticado o bem ou o mal** (para que o propósito de Deus, quanto à eleição, prevalecesse, **não por obras**, mas por aquele que chama), ¹² já fora dito a ela: O mais velho será servo do mais moço.” (Romanos 9.11-12)

“¹⁵ Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão. ¹⁶ Assim, pois, **não depende de quem quer ou de quem corre**, mas de usar Deus a sua misericórdia.” (Romanos 9.15-16)

⁵ Assim, pois, também agora, no tempo de hoje, sobrevive um remanescente segundo a eleição da graça. ⁶ E, se é pela graça, **já não é pelas obras**; do contrário, a graça já não é graça.” (**Romanos 11.5-6**)

“[Deus] nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, **para sermos santos e irrepreensíveis** perante ele.” (**Efésios 1.4**)

“[Deus] nos salvou e nos chamou com santa vocação; **não segundo as nossas obras**, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos.” (**2 Timóteo 1.9**)

Portanto, é errado afirmar que fé ou boas obras previstas são condições para a eleição. Justamente o contrário é que é verdadeiro: a eleição é uma condição necessária para a fé e as boas obras. Como afirmou Calvino, “a eleição é a mãe da fé”.

“Mas vós não credes, porque **não sois das minhas ovelhas.**” (**João 10.26**)

“Os gentios, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos os que **havam sido destinados para a vida eterna.**” (**Atos 13.48**)

Uma escolha discriminativa

“A Escritura Sagrada mostra e recomenda a nós esta graça eterna e imerecida sobre nossa eleição, especialmente quando, além disso, testifica que nem todos os homens são eleitos; alguns, pois, são preteridos na eleição eterna de Deus. De acordo com seu soberano, justo, irrepreensível e imutável bom propósito, Deus decidiu deixá-los em seus próprios caminhos e debaixo do seu justo julgamento e, finalmente, condená-los e puni-los eternamente não apenas por causa de sua incredulidade, mas também por todos os seus pecados, para mostrar sua justiça. Este é o decreto da reprovação, o qual não torna Deus o autor do pecado (tal pensamento é blasfêmia!), mas o declara temível, irrepreensível e justo Juiz e Vingador do pecado.” – Cânones de Dort, 1º Capítulo, Artigo 15

“[A doutrina da reprovação pode ser definida como] a decisão soberana de Deus, antes da criação, de não levar em conta algumas

peçoas, decidindo em tristeza não salvá-las e puni-las por seus pecados, manifestando por meio disso sua justiça.” – Wayne Grudem

A verdade é que Deus não deve salvação a qualquer pecador. Em sua soberania, ele é livre para graciosamente escolher alguns pecadores para a salvação, assim como é livre para entregar os demais pecadores à condenação, a fim de demonstrar também nestes o seu poder e a sua justiça.

“³⁷ E, embora tivesse feito tantos sinais na sua presença, não creram nele, ³⁸ para se cumprir a palavra do profeta Isaías, que diz: Senhor, quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor? ³⁹ Por isso, não podiam crer, porque Isaías disse ainda: ⁴⁰ **Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração**, para que não vejam com os olhos, nem entendam com o coração, e se convertam, e sejam por mim curados.” (João 12.37-40)

“¹⁷ Porque a Escritura diz a Faraó: Para isto mesmo te levantei, **para mostrar em ti o meu poder** e para que o meu nome seja anunciado por toda a terra. ¹⁸ Logo, tem ele misericórdia de quem quer e também **endurece a quem lhe apraz.**” (Romanos 9.17-18)

“Pois certos indivíduos se introduziram com dissimulação, os quais, desde muito, **foram antecipadamente pronunciados para esta condenação**, homens ímpios, que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo.” (Judas 4)

“Se Deus escolheu alguns – o que de fato fez – há outros que não escolheu. A dura realidade é que Deus não se propôs salvar todos. De acordo com a sua vontade soberana, ele escolheu os seus eleitos e passou por alto os não eleitos, simplesmente os deixando em seu pecado. [...] Deus também endurece aqueles que passa por alto, porque eles intencionalmente desprezam a luz da sua revelação. Deus os mantém rigorosamente responsáveis por rejeitarem a Cristo; sua recusa do Evangelho traz juízo divino sobre eles.” – Steven Lawson



Como é possível Deus soberanamente decretar tudo e considerar-nos responsáveis pelo que fazemos? Ou, como dito a Paulo: “De que se queixa ele ainda? Pois quem jamais resistiu à sua vontade?” (Romanos 9.19)

A resposta bíblica é a seguinte:

“²⁰ Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?! Porventura, pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim? ²¹ Ou não tem o oleiro direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro, para desonra? ²² Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição, ²³ a fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia, que para glória preparou de antemão.”
(Romanos 9.20-23)

Devemos levar em consideração que nenhum pecador é condenado injusta ou imerecidamente; todos pecam segundo suas próprias escolhas, sem que haja qualquer cumplicidade de Deus nessas ações. Portanto, o ser humano é inteiramente responsável por tudo o que faz.

NOSSA UNIÃO COM CRISTO

“Para que [Cristo] compartilhe conosco aquilo que recebeu do Pai, ele precisa tornar-se nosso e habitar em nós. Por isso, ele é não somente chamado “nossa cabeça”, mas ainda “o primogênito entre muitos irmãos”. Nós também, de nossa parte, somos declarados “estar enxertados nele” e “dele estarmos vestidos”, porquanto, como eu já disse, tudo quanto possui nada é para nós até que com ele nos tornemos um. [...] O Espírito Santo é o elo pelo qual Cristo nos vincula efetivamente a si.” – João Calvino, Institutas, III.1.1

A eleição se dá em relação a Cristo, que, por decreto de Deus, estava crucificado antes mesmo da fundação do mundo (Ap 13.8). A união do crente com Cristo é o eixo em volta do qual giram todos os outros aspectos da salvação, tanto em relação aos decretos eternos de Deus quanto em relação à realização desses decretos na história. Ou seja, em um sentido, os eleitos estão unidos a Cristo desde a eternidade, por determinação de Deus; uma união eterna, que não pode ser rompida.

“Isso quer dizer que, desde a eternidade passada, o Pai tem visto todas as pessoas que lhe pertencem, todos os indivíduos que ele amou e escolheu, como sendo um em Cristo, unidos com o Filho, e herdeiros de tudo que é de Cristo.” – Franklin Ferreira

“³ Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais **em Cristo**, ⁴ assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor ⁵ nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, **por meio de Jesus Cristo**, segundo o beneplácito de sua vontade, ⁶ para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente **no Amado**, ⁷ **no qual temos a redenção, pelo seu sangue**, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça.” (Efésios 1.3-7)

“³⁸ Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, ³⁹ nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.” (Romanos 8.38-39)

Ao longo da história, essa união com Cristo é realizada na vida do eleito. Cada aspecto da salvação é realizado nos pecadores “por meio de Jesus Cristo”, da regeneração à glorificação.

“A aplicação da redenção inicia-se com a convocação soberana e eficaz, pela qual o povo de Deus é introduzido na comunhão de Cristo e na união com ele, para que eles possam ser participantes de toda a graça e virtude que residem nele como Redentor, Salvador e Senhor.” – John Murray

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- Por que algumas pessoas têm dificuldade para crer na doutrina da eleição incondicional?
- Qual o efeito da doutrina da eleição incondicional em nossa obra de evangelização? (cf. Romanos 10.14-17)
- É comum a fé reformada ser acusada de enfraquecer o esforço missionário e evangelístico. Por que tal acusação é injusta?

2.3. Expição limitada

“Cristo morreu no lugar dos eleitos de tal maneira que realmente pagou o preço do pecado deles, libertou-os da penalidade do pecado, e garantiu a sua salvação. Ele não proporcionou uma salvação

hipotética, ou seja, não ofereceu apenas a oportunidade de salvação, que precisaria ser realizada pela realização de alguma boa obra do pecador, mas uma salvação real que garantiu para sempre a salvação dos eleitos.” – Franklin Ferreira

“A expiação de Cristo é suficiente para todas as pessoas e eficaz para aqueles que creem nele. Não é limitada em seu valor e suficiência para salvar todos que creem. Mas a eficácia plena e salvadora da expiação que Jesus realizou é limitada àqueles para os quais esse efeito salvador foi preparado.” – John Piper

REFERENCIAL DOUTRINÁRIO

“Este foi o soberano conselho, a vontade graciosa e o propósito de Deus, o Pai, que a eficácia vivificante e salvífica da preciosa morte de seu Filho fosse estendida a todos os eleitos. Daria somente a eles a justificação pela fé e, por conseguinte, os traria infalivelmente à salvação. Isto quer dizer que foi da vontade de Deus que Cristo, por meio do sangue na cruz (pelo qual ele confirmou a nova aliança), redimisse efetivamente, de todos os povos, tribos, línguas e nações, todos aqueles, e somente aqueles, que foram escolhidos desde a eternidade para serem salvos e lhes foram dados pelo Pai. Deus quis que Cristo lhes desse a fé, que ele mesmo lhes conquistou com sua morte, com outros dons salvíficos do Espírito Santo. Deus quis também que Cristo os purificasse de todos os pecados por meio do seu sangue, tanto do pecado original como dos pecados atuais, que foram cometidos antes e depois de receberem a fé. E que Cristo os guardasse fielmente até o fim e, finalmente, os fizesse comparecer perante o próprio Pai em glória, sem mácula, nem ruga (Ef 5.27).” – Cânones de Dort, 2º Capítulo, Artigo 8

A NATUREZA PARTICULAR E REAL DA OBRA DE CRISTO NA CRUZ

“Deus é não só supremamente misericordioso, mas também supremamente justo. E como ele revelou em sua Palavra, sua justiça exige que nossos pecados, cometidos contra sua infinita majestade, sejam punidos nesta vida e na futura, em corpo e alma. Não podemos escapar dessas punições a menos que seja satisfeita a justiça de Deus.

Por nós mesmos, entretanto, não podemos cumprir tal satisfação nem podemos livrar a nós mesmos da ira de Deus. Por isso, Deus, em sua infinita misericórdia, deu seu Filho único como nosso fiador. Por nós, ou em nosso lugar, ele foi feito pecado e maldição na cruz para que pudesse satisfazer a Deus por nós.” – Cânones de Dort, 2º Capítulo, Artigos 1 e 2

Deus, por amor, providenciou, por meio de Cristo, uma expiação para os pecados dos seus eleitos, a fim de purificá-los, salvá-los e constituir um povo redimido para si mesmo.

“²³ Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, ²⁴ sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, ²⁵ a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; ²⁶ tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.” (Romanos 3.23-26)

A particular extensão da obra de Cristo na cruz

Pela doutrina da expiação limitada (ou expiação particular), afirma-se que Cristo morreu pelos pecados não de todos os homens, mas somente dos eleitos de Deus, garantindo exclusivamente para estes a salvação.

“¹⁴ Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim, ¹⁵ assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e **dou a minha vida pelas ovelhas.** [...] ²⁶ Mas vós não credes, porque **não sois das minhas ovelhas.** ²⁷ As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. ²⁸ Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão.” (João 10.14-15, 26-28)

“¹ [Jesus] levantou os olhos ao céu e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti, ² assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna **a todos os que lhe deste.** [...] ⁹ É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas **por aqueles que me deste,** porque **são teus;** [...] ¹⁹ E **a favor deles** eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade.” (João 17.1b-2, 9, 19)

“²⁹ Porquanto **aos que de antemão conheceu**, também **os predestinou** para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. ³⁰ E aos que predestinou, **a esses também chamou**; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou. ³¹ Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? ³² Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas? ³³ Quem tentará acusação contra **os eleitos de Deus**? É Deus quem os justifica. ³⁴ Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós.” (Romanos 8.29-34)

“⁹ **[Deus] nos salvou** e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas **conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos**, ¹⁰ e manifestada, agora, pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho.” (2 Timóteo 1.9-10)”



E quanto a textos bíblicos que sugerem que a obra da expiação é para o mundo todo, para todos, sem exceção?

“¹⁷ Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas **para que o mundo fosse salvo por ele.**” (João 3.17)

“E diziam à mulher: Já agora não é pelo que disseste que nós cremos; mas porque nós mesmos temos ouvido e sabemos que este é verdadeiramente o **Salvador do mundo.**” (João 4.42)

“Se alguém ouvir as minhas palavras e não as guardar, eu não o julgo; porque eu **não vim para julgar o mundo, e sim para salvá-lo.**” (João 12.47)

“³² Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, **por todos nós o entregou**, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas? ³³ Quem tentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. ³⁴ Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós.” (Romanos 8.32-34)

“¹ Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens, ² em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranquila e mansa, com toda piedade e respeito. ³ Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador, ⁴ o qual **deseja que todos os homens sejam salvos** e cheguem ao pleno conhecimento da verdade. ⁵ Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, ⁶ o qual **a si mesmo se deu em resgate por todos**: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos.” (1 Timóteo 2.1-6)

Quando Paulo disse que Deus deseja que *todos os homens* sejam salvos (1 Tm 2.4) e que Cristo se entregou em resgate *por todos* (1 Tm 2.6), ele não estava ensinando que a expiação é geral, e muito menos que todos os homens serão salvos. A expressão *todos os homens*, à luz do contexto, deve ser compreendida como *todas as classes de pessoas*, e não como *cada pessoa do mundo*.

“Ora, é para esse fim que labutamos e nos esforçamos sobremodo, porquanto temos posto a nossa esperança no Deus vivo, **Salvador de todos os homens**, especialmente dos fiéis.” (1 Timóteo 4.10)

Da mesma forma, em 1 Timóteo 4.10, Paulo não estava ensinando sobre uma expiação geral. Pelo contrário, ele indicou que a salvação alcança especialmente os *fiéis*, dentre *todos os homens* aos quais é oferecida.

Uma obra real e verdadeiramente consumada



Por que não devemos entender de outra forma? Qual o problema em afirmar que Cristo morreu por todos os pecadores, e não somente pelos eleitos?

A expiação é a obra de Cristo, na cruz, pela qual ele *cancelou a dívida dos pecados e satisfaz a ira santa de Deus contra os pecadores*, garantindo infalível e definitivamente para eles todos os benefícios da salvação. Cristo realizou uma *real* redenção em favor dos pecadores eleitos, e não simplesmente uma redenção *potencial* para o mundo em geral.

Se afirmarmos que Cristo morreu por todos os pecadores, e não somente pelos eleitos, e lembrarmos que nem todos os pecadores chegam a ser salvos, teremos que admitir que a morte de Cristo não *garantiu infalível e definitivamente* a salvação de ninguém, mas apenas *tornou possível* a salvação a todos os homens.

“Nesse caso, a morte de Cristo não removeu realmente a sentença de morte e não garantiu realmente vida para ninguém. Em vez disso, ela apenas criou possibilidades de salvação, que seriam tornadas reais por pessoas que profeririam a causa decisiva, ou seja, a sua fé. Neste entendimento da expiação, a fé e o arrependimento não são dons de Deus, comprados por sangue para pecadores específicos, mas, em vez disso, são atos de alguns pecadores que tornam o sangue funcional para eles.” – John Piper

“Se Jesus tivesse morrido por todos os pecados de todos os homens, incluindo a incredulidade, significaria salvação para todos, o que a Bíblia nega. Se Cristo tivesse morrido por todos os pecados de todos os homens, excluída a incredulidade, então, não morreu por todos os pecados de ninguém, e todos estariam necessariamente condenados. Não há outra posição, senão a de que ele morreu unicamente pelo pecado do seu povo eleito.” – James Montgomery Boice

Redenção real:

“Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual **ele comprou com o seu próprio sangue.**” (Atos 20.28)

¹⁸ Sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que **fostes resgatados** do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, ¹⁹ mas **pelo precioso sangue**, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo” (1 Pedro 1.18-19)

Através de sua obra na cruz, Jesus Cristo não fez da igreja de Deus um povo meramente redimível; ele realmente redimiu a igreja, comprou-a com o seu próprio sangue.

Reconciliação real:

¹⁰ Porque, se nós, quando inimigos, **fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho**, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida; ¹¹ e não apenas isto, mas também nos

gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem recebemos, agora, a reconciliação.” (**Romanos 5.10-11**)

“¹⁸ Ora, tudo provém de Deus, que **nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo** e nos deu o ministério da reconciliação, ¹⁹ a saber, que **Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo**, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação.” (**2 Coríntios 5.18-19**)

Os eleitos foram verdadeiramente reconciliados com Deus na cruz; uma real reconciliação aconteceu, e não uma reconciliação meramente possível.

Substituição real:

“¹³ E a vós outros, que estáveis mortos pelas vossas transgressões [...], vos deu vida juntamente com ele, perdoando todos os nossos delitos; ¹⁴ **tendo cancelado o escrito de dívida**, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, **removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz.**” (**Colossenses 2.13c-14**)

Na cruz, Jesus real e verdadeiramente pagou os débitos dos eleitos e comprou para eles o perdão.

Justificação real:

“¹² Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram. [...] ¹⁵ Todavia, não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se, pela ofensa de um só, morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, **foram abundantes sobre muitos.** [...] ¹⁸ Pois assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também, por um só ato de justiça, **veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida.**” (**Romanos 5.12, 15, 18**)

No Éden, Adão foi o cabeça representativo de toda a raça humana; por sua desobediência, trouxe o pecado e a morte a todos. Cristo, por sua vez, é o representante de outra raça de pessoas, uma raça *eleita* (1 Pe 2.9). Na cruz, justificou os pecadores eleitos. Se Cristo tivesse morrido por toda a raça humana, todos teriam sido justificados, e teríamos que aceitar que, no final, toda a humanidade será salva.

“Em resumo, o ensino bíblico da expiação limitada é que a morte de Cristo tinha um desígnio específico para seus eleitos. Cristo estava comprando, não uma possibilidade de eles crerem e serem salvos, antes, estava comprando o próprio crer. A conversão dos eleitos de Deus é comprada com sangue. A vitória sobre a nossa morte e rebelião contra Deus não é realizada decisivamente por nós, de modo que nos qualificamos para a expiação. A graça soberana de Deus vence a nossa morte e rebelião. E essa graça foi comprada para nós na morte de Cristo.” – John Piper

Quem realmente limita a expiação?

“Torna-se evidente que não é o calvinista que limita a expiação, e sim aqueles que negam que a morte expiatória de Cristo realiza o que necessitamos desesperadamente – ou seja, a salvação da condição de morte, dureza e cegueira, sob a ira de Deus. Eles limitam o poder e a eficácia da expiação, para que possam dizer que ela foi realizada até em favor daqueles que morrem em incredulidade e são condenados. A fim de dizer que Cristo morreu da mesma maneira em favor de todos os homens, eles têm de limitar a expiação a uma possibilidade ou a uma oportunidade de salvação, se homens caídos puderem escapar de sua morte e rebelião para obter fé por um meio eficaz, não provido pela cruz.” – John Piper

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- A oferta das boas novas do evangelho deve ser feita a todas as pessoas, mesmo que a expiação tenha sido limitada (ou particular)?
- Como devemos orar a respeito da salvação de outros?

2.4. Graça irresistível

“Deus chama todos ao arrependimento, mas, por meio do Espírito Santo, chama eficaz e irresistivelmente os eleitos. [...] A graça que o Espírito Santo estende aos eleitos os traz eficazmente à fé em Cristo. E este chamado interno do Espírito para salvar pecadores é eficaz, invencível e irresistível.” – Franklin Ferreira

“Isto significa que a resistência que todos os seres humanos exercem cada dia contra Deus (Rm 3.10-12; At 7.51) é vencida maravilhosamente, no tempo próprio, pela graça salvadora de Deus, em favor de rebeldes indignos, os quais ele escolhe salvar espontaneamente.” – John Piper

REFERENCIAL DOUTRINÁRIO

“Outros que são chamados pelo ministério do evangelho vêm e se convertem. Isto não pode ser atribuído ao homem, como se ele se distinguisse por sua livre vontade de outros que receberam a mesma e suficiente graça para fé e conversão, como a heresia orgulhosa de Pelágio afirma. Isto deve ser atribuído a Deus: como ele os escolheu em Cristo desde a eternidade, assim ele os chamou efetivamente no tempo. Ele lhes dá fé e arrependimento; ele os livra do poder das trevas e os transfere para o reino de seu Filho. Tudo isso ele faz a fim de que proclamem as grandes virtudes daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz e se gloriem, não em si mesmos, mas no Senhor, como é o testemunho geral dos escritos apostólicos (Cl 1.13; 1 Pe 2.9; 1 Co 1.31).” – Cânones de Dort, 3º e 4º Capítulos, Artigo 10

UMA GRAÇA IMERECIDA

“Esta graça Deus não deve a ninguém. Em troca do que seria ele devedor ao homem? Quem teria primeiro dado a ele para que pudesse ser retribuído? O que poderia Deus dever a alguém que nada tem de si mesmo a não ser pecado e falsidade? Aquele, portanto, que recebe essa graça deve e rende eterna gratidão a Deus. [...] Quanto aos que ainda não foram chamados, devemos orar a Deus em seu favor, pois ele é quem chama à existência as coisas que não existem. De maneira alguma, porém, podemos ter uma atitude orgulhosa para com eles, como se tivéssemos conquistado nossa posição distinta (Rm 11.35).” – Cânones de Dort, 3º e 4º Capítulos, Artigo 15

Participamos da nossa salvação tanto quanto participamos de nossa eleição incondicional, desde antes da criação: pela graça soberana e imerecida de Deus, sem qualquer mérito de nossa parte, sem qualquer obra que possamos realizar para nos tornarmos justos e aceitáveis diante de Deus.

“⁸ Porque **pela graça sois salvos**, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; ⁹ **não de obras**, para que ninguém se glorie.”
(Efésios 2.8-9)

“⁴ Quando, porém, se manifestou a benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com todos, ⁵ **não por obras de justiça praticadas por nós**, mas segundo sua misericórdia, **ele nos salvou** mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, ⁶ que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador.” (Tito 3.4-6)

“Pela graça, e só pela graça, ele escolheu para si mesmo um povo antes da fundação da terra em Cristo. Só pela graça ele expede a Palavra e seu Espírito e evoca a nova vida da regeneração, que o Espírito instila em nosso coração, tirando seu povo das trevas para sua maravilhosa luz. Pela graça, e só pela graça, somos diariamente preservados até por fim sermos conduzidos à glória eterna. De fato: ‘pela graça sois salvos, mediante a fé.’” – Gise J. Van Baren

UM CHAMADO EFICAZ

Vimos que o pecador, por ser totalmente corrompido e escravo do pecado, é incapaz de voltar-se para Cristo e de responder positivamente à pregação do evangelho com arrependimento e fé genuínos.

“¹⁰ Está escrito: Não há justo, nem um sequer, ¹¹ **não há quem entenda, não há quem busque a Deus**; ¹² todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer.”
(Romanos 3.10-12)

“⁷ Por isso, o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar. ⁸ Portanto, os que estão na carne **não podem agradar a Deus.**” (Romanos 8.7-8)

“Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre **resistis ao Espírito Santo**; assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis.” (Atos 7.51)



Então, se nenhuma pessoa, por si só, recebe ou deseja receber o Evangelho, e se há como “resistir ao Espírito Santo”, como falar de

graça *irresistível*? Não é verdade que muitos resistem à oferta graciosa do Evangelho e ao chamado de Deus para que se arrependam e creiam?

A doutrina da graça irresistível não ensina de forma alguma que toda e qualquer influência do Espírito Santo é irresistível. Existe, sim, um chamado geral, externo, em que Deus chama todas as pessoas ao arrependimento mediante a pregação do evangelho.

Ou seja, a oferta da salvação em Cristo é proclamada a todos os pecadores, para que creiam em Cristo e recebam o perdão dos pecados e a vida eterna. No entanto, como vimos, nenhum pecador (nem mesmo um eleito por Deus) pode, por si só, responder positivamente a essa oferta, arrependendo-se e crendo em Cristo como Salvador.

“A vontade humana é tão desesperadamente fixa no mal, tão depravada, de tal modo inclinada a todo erro, que sem a influência poderosa, sobrenatural, irresistível do Espírito Santo, nenhuma vontade humana será constrangida a crer em Cristo.” – Charles Spurgeon

Portanto, a fim de salvar os pecadores, o Espírito Santo precisa chamá-los de um modo especial, graciosamente eficaz e irresistível, vencendo sua resistência interna, trazendo-os para Cristo e gerando neles arrependimento e fé.

“Se a doutrina da depravação total [...] é verdadeira, não pode haver salvação sem a realidade da graça irresistível. Se estamos mortos em delitos e pecados, sendo incapazes de submeter-nos a Deus por causa de nossa natureza rebelde, jamais creremos em Cristo, se Deus não vencer nossa rebelião.” – John Piper

“Embora o chamado externo do evangelho possa ser rejeitado, o que ocorre frequentemente, o chamado interno e especial do Espírito nunca deixa de produzir a conversão naqueles em quem é realizado. [...] O Espírito não depende da ajuda ou cooperação dos pecadores para ter sucesso em sua obra de trazê-los a Cristo. A graça que o Espírito Santo estende aos eleitos os traz eficazmente à fé em Cristo. E este chamado interno do Espírito para salvar pecadores é eficaz, invencível e irresistível.” – Franklin Ferreira

Quem recebe o chamado eficaz?

“Ainda que nosso Pai celeste convide todos os homens à fé, pela voz externa do homem, contudo, por seu Espírito, não chama eficazmente a ninguém para salvar senão aqueles a quem determinou salvar.” – João Calvino

Esse chamado especial, interno, por meio do qual o Espírito Santo vence a rebelião da natureza humana corrompida, não é feito a todos os pecadores, mas somente aos eleitos.

²⁹ Porquanto **aos que de antemão conheceu**, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. ³⁰ E aos que predestinou, **a esses também chamou**; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.” (**Romanos 8.29-30**)

Aqui podemos ver o quão íntimo e harmonioso é o envolvimento das pessoas da Trindade na salvação dos pecadores, desde a eternidade: o Espírito Santo opera graciosa, eficaz e irresistivelmente a salvação em todas as pessoas (e somente nestas) por quem o Filho amorosamente ofereceu a si mesmo na cruz, e que, por sua vez, realizou esta redenção em favor de todas as pessoas (e somente destas) que foram soberanamente escolhidas pelo Pai desde antes da criação.

³⁷ Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim. [...] ⁴⁴ Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer. [...] ⁶⁵ Por causa disto, é que vos tenho dito: ninguém poderá vir a mim, se, pelo Pai, não lhe for concedido.” (**João 6.37a, 44a, 65**)

Vemos, nos versículos acima, que o próprio Jesus ensinou que todos os escolhidos pelo Pai são irresistivelmente atraídos para o Filho, como obra da soberana graça de Deus, sem a qual ninguém seria salvo. Essa é a graça irresistível pela qual Deus atrai os pecadores eleitos para si.



E quanto a textos bíblicos que sugerem que a graça de Deus para a salvação é oferecida a todos os homens, sem exceção?

No arminianismo, há o conceito de *graça preveniente*, segundo o qual, pela obra de Cristo na cruz, os efeitos da queda teriam sido, de certo modo, neutralizados, de forma que o pecador não estaria morto em

seus delitos e pecados no sentido de não ser capaz de responder positivamente ao Evangelho; assim, todas as pessoas teriam a mesma liberdade para, segundo seus próprios desejos, receberem ou rejeitarem o Evangelho. O principal problema desta doutrina é a completa falta de base bíblica.

“⁴⁴ Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer. [...] ⁴⁵ Está escrito nos profetas: E **serão todos ensinados por Deus**. Portanto, todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, **esse vem a mim.**” (João 6.44-45)

“E eu, quando for levantado da terra, **atrairei todos** a mim mesmo.” (João 12.32)

A palavra *todos* em João 6.45 não se refere a toda e qualquer pessoa, sem exceção, mas a um povo específico, aos eleitos de Deus que são irresistivelmente atraídos para Cristo.

“Como se vê no Evangelho de João, poderíamos ler esse versículo entendendo que ‘todos’, na citação, aplica-se a todos os homens, achando que de algum modo Deus ilumina todos, e que os homens, ou vêm a Cristo, ou se recusam a vir a Cristo, seguindo sua própria vontade. O texto completo, escrito por Isaías, mostra que não é esse o caso. Efetivamente, Isaías escreveu: ‘Todos os seus filhos serão ensinados pelo Senhor’. Vemos desde logo que o versículo se aplica unicamente aos filhos de Deus, não a todos os homens, e isso implica que é preciso que primeiro o pecador seja feito filho de Deus, antes de poder entender realmente o ensino acerca de Cristo e vir a ele.” – James Montgomery Boice

Da mesma forma, o contexto do Evangelho de João nos ajuda a entender que Jesus, quando se referiu a *todos* em João 12.32, não estava falando da cada pessoa do mundo, mas somente de *todos os que o Pai dá ao Filho* (João 6.37), de *todos os que são de Deus* (Jo 8.47), de *todas as suas ovelhas* (Jo 10.15, 27), de *todos os que são da verdade* (Jo 18.37). Jesus é como o pastor que “chama pelo nome as suas próprias ovelhas” (Jo 10.3).

Se em João 12.32 a palavra *todos* significasse *cada pessoa do mundo*, sem exceção, e não apenas *todos os eleitos*, seria o mesmo que dizer que não apenas a graça para a salvação seria oferecida a cada pessoa, mas que cada pessoa seria, de fato, atraída a Cristo e salva através de sua obra na cruz, dando margem à heresia universalista.

“Porquanto a graça de Deus se manifestou **salvadora a todos os homens.**” (Tito 2.11)

Mais uma vez, em Tito 2.11, o contexto ajuda a entender que a graça salvadora de Deus, manifesta pela obra de Cristo na cruz (cf. 2 Tm 1.10), alcança, neste caso, todos os tipos de pessoas, e não cada pessoa do mundo, sem exceção.

A OBRA IMERECIDA E IRRESISTÍVEL DO ESPÍRITO SANTO NOS ELEITOS

“Deus realiza seu bom propósito nos eleitos e opera neles a verdadeira conversão da seguinte maneira: ele faz que ouçam o evangelho mediante a pregação e poderosamente ilumina suas mentes pelo Espírito Santo, de tal modo que possam entender corretamente e discernir as coisas do Espírito de Deus. [...] Ele abre o coração fechado e enternece o que está duro, circuncida o que está incircunciso e introduz novas qualidades na vontade. Essa vontade estava morta, mas ele a faz reviver; era má, mas ele a torna boa; estava indisposta, mas ele a torna disposta; era rebelde, mas ele a faz obediente. Ele move e fortalece essa vontade de tal forma que, como uma boa árvore, seja capaz de produzir frutos de boas obras (1 Co 2.14).” – Cânones de Dort, 3º e 4º Capítulos, Artigo 11

A pregação do Evangelho como instrumento para salvação

“A mencionada operação sobrenatural de Deus, pela qual ele nos regenera, de modo nenhum exclui ou anula o uso do evangelho, que o mui sábio Deus ordenou para ser a semente da regeneração e o alimento da alma.” – Cânones de Dort, 3º e 4º Capítulos, Artigo 17

Deus escolheu a pregação do evangelho como o instrumento pelo qual o Espírito Santo atrairia os eleitos para Cristo. Por um lado, a pregação do evangelho realiza aquele chamado geral, aquela oferta de salvação dirigida indiscriminadamente a todos os homens. Por outro lado, a pregação do evangelho é usada como o instrumento pelo qual o Espírito Santo chama eficazmente os eleitos.

“²³ Nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; ²⁴ mas para os que foram chamados, tanto

judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus.” (1 Coríntios 1.23-24)

A doutrina da graça irresistível não é (como pode parecer) incompatível com a pregação do evangelho, pois Deus não é soberano apenas para escolher aqueles que deseja salvar, mas também para escolher o instrumento que o Espírito Santo usa para conduzir esses pecadores à fé e ao arrependimento.

“E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo.” (Romanos 10.17)

¹³ Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade, ¹⁴ para o que também **vos chamou mediante o nosso evangelho**, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo.” (2 Tessalonicenses 2.13-14 RA)

A regeneração como obra soberana de Deus

“Esta conversão é aquela regeneração, renovação, nova criação, ressurreição dos mortos e vivificação, tão exaltada nas Escrituras, a qual Deus opera em nós, sem qualquer contribuição de nossa parte. [...] Todos aqueles em cujo coração Deus opera desta maneira maravilhosa são, certamente, infalível e efetivamente, regenerados e, de fato, passam a crer.” – Cânones de Dort, 3º e 4º Capítulos, Artigo 12

A regeneração é uma ação soberana e graciosa da vontade de Deus na vida do eleito, um novo nascimento operado pelo Espírito Santo no interior do homem, sem qualquer contribuição ou exercício da vontade por parte deste, a partir do qual o pecador é perdoado, justificado e recebido como membro na família de Deus.

¹² Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome; ¹³ os quais não nasceram do sangue, **nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.**” (João 1.12-13 RA)

⁴ Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, ⁵ e **estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida** juntamente com Cristo, – pela graça sois salvos.” (Efésios 2.4-5 RA)

“⁴ Quando, porém, se manifestou a benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com todos, ⁵ não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, **ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo,** ⁶ que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador.” (Tito 3.4-6 RA)

“Pois, **segundo o seu querer, ele nos gerou** pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas.” (Tiago 1.18 RA)

“³ Bendito o **Deus** e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, **nos regenerou** para uma viva esperança. [...] ²³ **Fostes regenerados** não de semente corruptível, mas de incorruptível, **mediante a palavra de Deus**, a qual vive e é permanente.” (1 Pedro 1.3a, 23 RA)

“Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é **nascido de Deus.**” (1 João 5.1a RA)



Segundo a doutrina da graça irresistível, os pecadores eleitos são convertidos e atraídos, ou melhor, “arrastados” à força para Cristo, contra sua própria vontade?

A vontade renovada pela regeneração

“A graça divina da regeneração não age sobre os homens como se fossem máquinas ou robôs, e não destrói a vontade e as suas propriedades, ou a coage violentamente. A graça a faz reviver espiritualmente, traz-lhe a cura, corrige-a e a dobra de forma agradável e, ao mesmo tempo, poderosa. Como resultado, onde dominava rebelião e resistência da carne, agora, pelo Espírito, começa a prevalecer uma pronta e sincera obediência. Esta é a verdadeira renovação espiritual e liberdade da vontade. Se o admirável Autor de todo bem não agisse desse modo conosco, o homem não teria esperança de levantar-se da sua queda por meio de sua livre vontade, pela qual ele, quando ainda estava em pé, se lançou na perdição.” – Cânones de Dort, 3º e 4º Capítulos, Artigo 16

Nenhum pecador é atraído para Cristo contra a própria vontade, por coerção do Espírito Santo. Deus jamais nos força a nos arrependermos ou a crermos contra a nossa vontade.

Na doutrina da graça irresistível, o Espírito Santo nos regenera, dando-nos uma nova natureza, e muda interiormente a nossa disposição, rompendo nossa cegueira espiritual e abrindo o nosso coração para voluntariamente crermos no Evangelho e nos voltarmos para Cristo como nosso Salvador.

Ou seja, o Espírito Santo age no coração do pecador renovando sua vontade, mudando fundamentalmente o seu desejo em relação a Cristo, habilitando-o a receber a Cristo de forma espontânea e inevitável.

“A operação da graça jamais ocorre de modo a violar a natureza racional e moral do pecador atraído a Cristo. Não se trata de uma ação coerciva. O pecador não é forçado a ir a Cristo contra sua vontade e sem seu entendimento. Pelo contrário, por meio dessa operação, o pecador se torna disposto. Ele é vencido pela graça irresistível de Deus de tal forma que se torna muito disposto a vir, e ele mesmo faz a escolha consciente e voluntária de se voltar para o Deus da salvação. Sua vontade não é destruída pela graça, mas transformada; sua mente não é posta de lado, mas iluminada em sentido espiritual.” – Herman Hoeksema

“Certa mulher, chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava; **o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia.**” (Atos 16.14 RA)

“Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, **ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.**” (2 Coríntios 4.6 RA)

“A menos que Deus abra o nosso coração, não ouviremos a verdade e a beleza de Cristo na mensagem do evangelho. Este abrir o coração é o que queremos dizer com graça irresistível. Ela vence a resistência obstinada, de cegueira para a beleza e de surdez para a bondade das boas novas.” – John Piper

O arrependimento genuíno como dom de Deus

“Cristo dá o arrependimento, que o homem não tem poder para dar. [...] As pessoas não podem converter-se assim como não podem criar-se. O arrependimento é uma conversão voluntária, mas a origem dessa conversão está na mudança que Deus opera em nossos corações, transformando um coração de pedra em um coração de carne, tornando flexível um coração duro, e endireitando o que era torto.” – João Calvino

O arrependimento é uma mudança completa de coração, mente e vontade em relação a Deus. É definido no Breve Catecismo de Westminster (pergunta 87) como “uma graça salvadora, pela qual o pecador, tendo uma verdadeira consciência de seu pecado e percepção da misericórdia de Deus em Cristo, se enche de tristeza e de aversão pelos seus pecados, os abandona e volta para Deus, inteiramente resolvido a prestar-lhe nova obediência”.

O arrependimento é, portanto, uma ação humana na conversão, mas é, antes, uma operação da graça irresistível na vida do pecador, um dom de Deus. Sem a regeneração, ninguém pode (ou sequer deseja) arrepender-se. É Deus, então, quem *dá* o arrependimento, uma vez que muda o coração resistente e o faz disposto a arrepender-se. Como diz John Piper, “a resistência ao arrependimento é substituída pelo dom do arrependimento”.

³⁰ O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, a quem vós matastes, pendurando-o num madeiro. ³¹ Deus [...] o exaltou a Príncipe e Salvador, a fim de **conceder a Israel o arrependimento** e a remissão de pecados.” (Atos 5.30-31 RA)

“E, ouvindo eles estas coisas, apaziguaram-se e glorificaram a Deus, dizendo: Logo, também aos gentios **foi por Deus concedido o arrependimento** para vida.” (Atos 11.18)

“Afirmar o caráter irresistível da graça divina enfatiza a ideia de que a graça não só conduz seu povo à glória, mas ela o prepara para a glória e opera nele o desejo de entrar na glória. A graça é irresistível no sentido de que por ela o joelho que, de outra forma, não se dobraria, dobra-se; o coração que, de outra forma, seria duro como pedra, é amolecido.” – Gise J. Van Baren

A fé genuína como dom de Deus

“A fé nada mais é, portanto, que um dom de Deus. Isto não significa que Deus a oferece à livre vontade do homem, mas que ela é, de fato, conferida ao homem e nele infundida. Não é um dom no sentido de que Deus apenas concede poder para crer e depois espera da livre vontade do homem o consentimento para crer ou o ato de crer. Ao contrário, é um dom no sentido de que Deus efetua no homem tanto a vontade de crer quanto o ato de crer. Ele opera tanto o querer como o realizar; sim, ele opera tudo em todos (Ef 2.8; Fp 2.13).” – Cânones de Dort, 3º e 4º Capítulos, Artigo 14

Segundo o Breve Catecismo de Westminster (pergunta 86), a “fé em Jesus Cristo é uma graça salvadora, pela qual o recebemos e confiamos somente nele para a salvação, como ele nos é oferecido no Evangelho”. A fé não é base de nossa salvação (pois seria, nesse caso, uma obra meritória), mas é o meio pelo qual recebemos a salvação (cf. Rm 3.25, 28, 30).

Crer em Jesus não é uma causa, uma ação humana necessária para sermos regenerados. Ao contrário, é justamente a evidência de que fomos regenerados.

“Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus.” (1 João 5.1a)

Portanto, assim como o arrependimento, a fé salvadora também é um dom de Deus, uma graça concedida por ele para confiarmos em Cristo como o nosso Salvador. Se Deus não concedesse esta graça ao eleito, este não poderia jamais crer por sua livre iniciativa.

“Pela fé em o nome de Jesus, é que esse mesmo nome fortaleceu a este homem que agora vedes e reconheceis; sim, **a fé que vem por meio de Jesus** deu a este saúde perfeita na presença de todos vós.” (Atos 3.16 RA)

“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; **é dom de Deus.**” (Efésios 2.8)

“Porque **vos foi concedida a graça** de padecerdes por Cristo e não somente **de crerdes nele.**” (Filipenses 1.29 RA)

“¹ Corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta, ² olhando firmemente para o **Autor e Consumador da fé, Jesus.**”
(**Hebreus 12.1b-2a** RA)

“Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco **obtiveram fé** igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo...” (**2 Pedro 1.1** RA)

A justificação dos eleitos pela graça e por meio da fé

O Breve Catecismo de Westminster (pergunta 33) define a doutrina da justificação como “um ato da livre graça de Deus, no qual ele perdoa todos os nossos pecados e nos aceita como justos diante de si, somente por causa da justiça de Cristo a nós imputada, e recebida só pela fé”.

A justificação dos eleitos é concedida graciosamente por Deus. Ainda que tenha sido realizada na eternidade (*cf.* Rm 8.30), a justificação ocorre na história no momento da regeneração, como um ato de natureza jurídica da parte de Deus. A base dessa justificação é a obra de Cristo, cuja justiça pessoal é imputada (creditada, atribuída) ao pecador quando este crê.

Essa justificação, portanto, não procede de qualquer mérito pessoal do pecador, mas exclusivamente da imerecida graça de Deus, sendo o pecador justificado por meio de sua fé em Cristo.

“Concluímos, pois, que **o homem é justificado pela fé**, independentemente das obras da lei.” (**Romanos 3.28**)

“Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? **É Deus quem os justifica.**” (**Romanos 8.33**)

“Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, **nele, fôssemos feitos justiça de Deus.**” (**2 Coríntios 5.21**)

“Sabendo, contudo, que **o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus**, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos **justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei**, pois, **por obras da lei, ninguém será justificado.**” (**Gálatas 2.16**)

A adoção dos eleitos como filhos de Deus

A doutrina da adoção é definida no Breve Catecismo de Westminster (pergunta 34) como “um ato da livre graça de Deus, pelo qual somos recebidos no número dos filhos de Deus e temos direito a todos os seus privilégios”.

Assim como a justificação, a adoção dos eleitos também é uma obra graciosa de Deus, realizada na eternidade, quando Deus os predestinou a serem seus filhos (*cf.* Ef 1.5). Da mesma forma, a adoção também ocorre na história no momento da regeneração, como parte do processo da salvação, pela qual o pecador é reconciliado com Deus e assume uma nova posição diante de Deus, sendo estabelecido como filho e herdeiro.

“Mas, a todos quantos o receberam, **deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus**, a saber, aos que creem no seu nome.” (João 1.12)

“¹⁴ Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus **são filhos de Deus**. ¹⁵ Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas **recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai**. ¹⁶ O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que **somos filhos de Deus**. ¹⁷ Ora, **se somos filhos, somos também herdeiros**, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados.” (Romanos 8.14-17)

“[Deus] **nos predestinou para ele, para a adoção de filhos**, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade.” (Efésios 1.5)

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- Qual a utilidade da boa argumentação, do bom preparo de sermões, das boas estratégias de evangelismo, se os pecadores são atraídos para Cristo de forma irresistível por Deus?
- Sem a graça irresistível, ninguém receberia o Evangelho. Como isso deveria refletir em nossa gratidão a Deus?
- Uma vez que nos tornamos novas criaturas, filhos de Deus, como temos demonstrado isso por meio de nossas afeições, nossos conceitos e nossas ações?

2.5. Perseverança dos santos

“Aqueles que Deus salvou perseverarão em santidade, sendo guardados até a glorificação. Por isso, não é possível que o cristão venha a perder a salvação.” – Franklin Ferreira

“Cremos que todos os que são justificados vencerão a luta da fé. Eles perseverarão na fé e não se renderão ao inimigo de sua alma. Esta perseverança é a promessa da nova aliança, obtida pelo sangue de Cristo e operada em nós pelo próprio Deus, não para diminuir, mas para estimular e dar poder à nossa vigilância; para que digamos no final: combati o bom combate; não eu, mas a graça de Deus comigo (2 Tm 4.7; 1 Co 15.10).” – John Piper

REFERENCIAL DOUTRINÁRIO

“Os crentes podem estar certos, e estão certos, dessa preservação dos eleitos para a salvação e da perseverança dos verdadeiros crentes na fé. Esta certeza ocorre de acordo com a medida de sua fé, pela qual eles creem, com certeza, que são e permanecerão verdadeiros e vivos membros da igreja, tendo o perdão dos pecados e a vida eterna.

Esta certeza não vem de uma revelação especial, sem a Palavra ou fora dela, mas da fé nas promessas de Deus, as quais ele revelou abundantemente em sua Palavra para nossa consolação; vem também do testemunho do Espírito Santo, testificando com o nosso espírito que somos filhos e herdeiros de Deus; finalmente, vem do zelo sério e santo por uma boa consciência e por boas obras.” – Cânones de Dort, 5º Capítulo, Artigos 9 e 10

PERSEVERANDO ATÉ O FIM

A doutrina da perseverança dos santos ensina que aqueles que foram escolhidos por Deus para a salvação eterna podem descansar seguros e confiar nas promessas de Deus de que serão guardados por ele até o fim, e capacitados continuamente, pelo poder do Espírito Santo, a perseverarem na fé e na obediência, cumprindo os requisitos da nova vida em Cristo. Ou seja, todo o povo de Deus *perseverará* até o fim e não se perderá! Está eternamente seguro!

A santificação operada pelo Espírito Santo

Em um sentido, a santificação é a obra graciosa do Espírito Santo pela qual o pecador justificado é liberto do domínio do pecado e da velha natureza e capacitado a praticar boas obras.

“Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas **fostes santificados**, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus.” (1 Coríntios 6.11)

Por outro lado, a santificação também é um processo contínuo operado pelo Espírito Santo, em que o cristão cresce na fé e na santidade e é continuamente aperfeiçoado para ser semelhante a Cristo (*cf.* Rm 8.29). Ainda que esse processo seja uma obra graciosa do Espírito Santo em nossas vidas, Deus ordena que nos esforcemos no caminho da salvação. Porém, devemos estar cientes de que Deus é quem efetua em nós tanto o querer como o realizar.

“Agora, porém, libertados do pecado, transformados em servos de Deus, **tendes o vosso fruto para a santificação** e, por fim, a vida eterna.” (Romanos 6.22)

“¹² Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes, não só na minha presença, porém, muito mais agora, na minha ausência, **desenvolvi a vossa salvação** com temor e tremor; ¹³ porque **Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar**, segundo a sua boa vontade.” (Filipenses 2.12-13)

“**Segui a paz com todos e a santificação**, sem a qual ninguém verá o Senhor.” (Hebreus 12.14)

A necessidade de perseverar na fé e na obediência



Por que a perseverança dos santos é necessária? Se um cristão professo não perseverar, ele será salvo no final?

A doutrina da perseverança dos santos não ensina que todos os que professam a fé cristã serão aceitos por Deus no final da nossa peregrinação para o céu, mas somente aqueles que perseverarem na fé e na obediência.

“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, **mas aquele que faz a vontade de meu Pai**, que está nos céus.”
(Mateus 7.21)

“Aquele, porém, que **perseverar até ao fim**, esse será salvo.”
(Marcos 13.13b)

“¹ Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual ainda perseverais; ² por ele também sois salvos, **se retiverdes a palavra** tal como vo-la preguei, **a menos que tenhais crido em vão.**” (1 Coríntios 15.1-2)

“²¹ E a vós outros também que, outrora, éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas, ²² agora, porém, vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte, para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis, ²³ **se é que permanecéis na fé**, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, me tornei ministro.”
(Colossenses 1.21-23)

Ainda que as boas obras jamais possam ser consideradas como base para a salvação, a obediência é o que torna evidente, é o que fornece o adequado testemunho de que a nossa fé é autêntica. Portanto, a necessidade de perseverança na fé e na obediência não é para que conquistemos a salvação final, mas para que confirmemos que fomos, de fato, salvos por Cristo.

“Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas **a fé que atua pelo amor.**” (Gálatas 5.6)

“Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo **para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus.**” (Filipenses 3.12)

“Assim, também **a fé, se não tiver obras, por si só está morta.**”
(Tiago 2.17)

“No julgamento final de acordo com as obras (e não com base em obras), o valor dessas obras em relação à justificação, no tribunal divino, será o de evidência pública da fé invisível e da união com Cristo. Cristo será o único fundamento de nossa aceitação, tanto naquela ocasião quanto agora.” – John Piper

“³¹ Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória; ³² e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; ³³ e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda; ³⁴ então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. ³⁵ Porque tive fome, e **me destes de comer**; tive sede, e **me destes de beber**; era forasteiro, e **me hospedastes**; ³⁶ estava nu, e **me vestistes**; enfermo, e **me visitastes**; preso, e **fostes ver-me**.” (Mateus 25.31-36)

“¹⁰ Por isso, irmãos, procurai, com diligência cada vez maior, **confirmar a vossa vocação e eleição**; porquanto, procedendo assim, não tropeçareis em tempo algum. ¹¹ Pois **desta maneira é que vos será amplamente suprida a entrada no reino** eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.” (2 Pedro 1.10-11)

Evidentemente, Deus não exige que aqueles que são justificados em Cristo Jesus pela fé sejam impecavelmente perfeitos (além disso, é possível que os santos passem por momentos de enfraquecimento da fé, chegando até mesmo a se desviarem temporariamente).

“A perseverança dos santos não é a garantia da perfeição e sim de que Deus nos manterá combatendo o combate da fé, para que odiemos nosso pecado e nunca façamos paz duradoura com ele.” – John Piper

“**Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição**; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus.” (Filipenses 3.12)

“⁸ Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós.” (1 João 1.8)

No entanto, uma vez que recebemos nova vida em Cristo Jesus, devemos também andar em novidade de vida.

“Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, **mortificardes os feitos do corpo**, certamente, vivereis.” (Romanos 8.13)

“³ Ora, sabemos que o temos conhecido por isto: se **guardamos os seus mandamentos**. ⁴ Aquele que diz: Eu o conheço e não guarda os seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade. ⁵ Aquele, entretanto, que **guarda a sua palavra**, nele, verdadeiramente, tem

sido aperfeiçoado o amor de Deus. Nisto sabemos que estamos nele: ⁶ aquele que diz que permanece nele, **esse deve também andar assim como ele andou.**” (1 João 2.3-6)

⁹ Todo aquele que é nascido de Deus **não vive na prática de pecado**; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus. ¹⁰ Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo aquele que não pratica justiça não procede de Deus, nem aquele que não ama a seu irmão.” (1 João 3.9-10)

A importância da igreja

Ninguém é chamado para viver a fé cristã de maneira isolada do Corpo de Cristo. A igreja é fundamental para o crescimento espiritual e para a perseverança dos santos, sendo um dos meios que Deus ordenou para guardar os seus eleitos, através da pregação e da exortação mútua entre os irmãos.

“O qual nós anunciamos, **advertindo a todo homem e ensinando a todo homem** em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo.” (Colossenses 1.28)

“Exortamo-vos, também, irmãos, a que **admoesteis os insubmissos**, consoleis os desanimados, ampareis os fracos e sejais longânimos para com todos.” (1 Tessalonicenses 5.14)

¹² Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo; ¹³ pelo contrário, **exortai-vos mutuamente cada dia**, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado.” (Hebreus 3.12-13)

A segurança firmada na fidelidade de Deus



Como alguém pode ter certeza de que é salvo, que continuará salvo e que passará a eternidade com Deus? Como alguém pode saber se ainda terá essa fé salvadora amanhã?

“²⁹ Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. ³⁰ E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou. [...] ³⁸ Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, ³⁹ nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.” (Romanos 8.29-30, 38-39)

O que Paulo ensina nestes versículos é que Deus realiza a redenção completa naqueles que elegeu (“aos que de antemão conheceu”) desde antes da criação, do começo ao fim. Todos os que foram eleitos por Deus, são por ele predestinados para serem conformados à imagem de Cristo, chamados eficazmente, justificados por meio da fé e, finalmente, glorificados, sempre seguros de que nada poderá separá-los do amor de Deus em Cristo.

“Não há abandonos nesta sequência. Estas são promessas de Deus arraigadas, em primeiro lugar, na eleição incondicional e na graça soberana. [...] Os elos na corrente são inquebráveis, porque a obra salvadora de Deus é infalível, e seus compromissos na nova aliança são irrevogáveis.” – John Piper

“²⁷ As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. ²⁸ Eu lhes dou a vida eterna; **jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão.** ²⁹ Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e **da mão do Pai ninguém pode arrebatar.** ³⁰ Eu e o Pai somos um.” (João 10.27-30)

“²⁵ Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; ²⁶ e todo o que vive e crê em mim **não morrerá, eternamente.**” (João 11.25-26)

“⁸ o qual também **vos confirmará até ao fim, para serdes irrepreensíveis no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo.** ⁹ Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.” (1 Coríntios 1.8-9)

“Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós **há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus.**” (Filipenses 1.6)

“²³ O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam **conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo**. ²⁴ Fiel é o que vos chama, **o qual também o fará.**” (1 Tessalonicenses 5.23-24)

“Já agora a **coroa da justiça me está guardada**, a qual o Senhor, reto juiz, **me dará naquele Dia**; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda.” (2 Timóteo 4.8)

“³ Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, ⁴ para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros ⁵ **que sois guardados pelo poder de Deus**, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo.” (1 Pedro 1.3-5)

“²⁴ Ora, àquele que é poderoso para **vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória**, ²⁵ ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém!” (Judas 1.24-25)

Concluimos que a segurança do eleito está alicerçada na fidelidade de Deus, no seu compromisso em fazer perseverar todo aquele que ele escolheu desde antes da criação. Ou seja, Deus é fiel e age na vida de seus eleitos a fim de guardá-los e de completar neles a sua obra até o fim.

“Os eleitos não são apenas redimidos por Cristo e regenerados pelo Espírito; eles são mantidos na fé pelo poder de Deus. [...] Todos os que são unidos espiritualmente a Cristo, por meio da regeneração, estão seguros nele. [...] Nada pode separar os eleitos do amor de Deus. Estes foram predestinados para a glória eterna e estão, portanto, guardados para o céu.” – Franklin Ferreira

Além disso, a perseverança dos eleitos depende do agir contínuo do Espírito Santo. Se os pecadores dependessem de seus próprios esforços, todos fracassariam em perseverar.

“Mas, **pela graça de Deus, sou o que sou**; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo.” (1 Coríntios 15.10)

“Por causa dos seus pecados remanescentes e também por causa das tentações do mundo e de Satanás, aqueles que têm sido convertidos não poderiam perseverar nesta graça se deixados ao cuidado de suas próprias forças. Mas Deus é fiel: misericordiosamente os confirma na graça, uma vez conferida a eles, e poderosamente os preserva [na sua graça] até o fim.” – Cânones de Dort, 5º Capítulo, Artigo 3

A glorificação quando chegar o fim

Deus, na ocasião da vinda de seu reino, completará sua obra de santificação na vida dos eleitos. Todo o nosso ser passará por uma transformação final, em que nos tornaremos adequados para a vida na eternidade e semelhantes a Cristo.

“⁵² num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e **nós seremos transformados**.⁵³ Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade.” (1 Coríntios 15.52-53)

“²⁰ Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo,²¹ o qual **transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória**, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas.” (Filipenses 3.20-21)

“Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, **seremos semelhantes a ele**, porque haveremos de vê-lo como ele é.” (1 João 3.2)

É QUANTO AOS CRISTÃOS QUE SE DESVIAM DA FÉ?

Há textos bíblicos que mostram que algumas pessoas que ingressam na comunidade cristã e professam a fé cristã como verdadeira não perseveram (ou podem não perseverar) nessa fé.

“¹³ A [semente] que caiu sobre a pedra são os que, ouvindo a palavra, a recebem com alegria; estes não têm raiz, creem apenas por algum tempo e, na hora da provação, **se desviam**.¹⁴ A que caiu entre espinhos são os que ouviram e, no decorrer dos dias, foram sufocados

com os cuidados, riquezas e deleites da vida; **os seus frutos não chegam a amadurecer.**” (Lucas 8.13-14)

“¹⁷ Se, porém, alguns dos ramos foram quebrados, e tu, sendo oliveira brava, foste enxertado em meio deles e te tornaste participante da raiz e da seiva da oliveira, ¹⁸ não te glories contra os ramos; porém, se te gloriare, sabe que não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz, a ti. ¹⁹ Dirás, pois: Alguns ramos foram quebrados, para que eu fosse enxertado. ²⁰ Bem! Pela sua incredulidade, foram quebrados; tu, porém, mediante a fé, estás firme. Não te ensoberbeças, mas teme. ²¹ Porque, se Deus não poupou os ramos naturais, também não te poupará. ²² Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas, para contigo, a bondade de Deus, se nela permaneceres; **doutra sorte, também tu serás cortado.**” (Romanos 11.17-22)

“¹⁸ Este é o dever de que te encarrego, ó filho Timóteo, segundo as profecias de que antecipadamente foste objeto: combate, firmado nelas, o bom combate, ¹⁹ mantendo fé e boa consciência, porquanto alguns, tendo rejeitado a boa consciência, **vieram a naufragar na fé.** ²⁰ E dentre esses se contam Himeneu e Alexandre, os quais entreguei a Satanás, para serem castigados, a fim de não mais blasfemarem.” (1 Timóteo 1.18-20)

“⁴ É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, ⁵ e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, ⁶ e **caíram**, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia.” (Hebreus 6.4-6)



Os textos acima servem como prova de que é possível perder a salvação?

É possível, sim, que aquele que professa a fé cristã venha a se desviar dessa fé. Se este for, de fato, um filho de Deus, regenerado em Cristo, será com certeza levado pelo Espírito Santo ao arrependimento.

No entanto, é possível que persista no erro indefinidamente e chegue ao fim de sua vida fora da comunhão com o Corpo de Cristo, sem ter perseverado. Neste caso, não se trata de um cristão verdadeiro, mas

de alguém que apenas experimentou um falso começo em sua vida cristã e que demonstrou não possuir uma fé salvadora genuína.

“¹⁸ Filhinhos, já é a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também, agora, muitos anticristos têm surgido; pelo que conhecemos que é a última hora. ¹⁹ Eles saíram de nosso meio; entretanto, **não eram dos nossos**; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que **nenhum deles é dos nossos.**” (1 João 2.18-19)

“Quando falamos na doutrina da perseverança dos santos, queremos dizer que os santos têm de perseverar e perseverarão na fé e na obediência que procede da fé. A eleição é incondicional, mas a glorificação não o é. Nas Escrituras, há muitas advertências de que aqueles que não se apegam a Cristo podem se perder no final.” – John Piper

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- É possível que o cristão, por saber da segurança de sua salvação no final, se acomode durante a vida e não se esforce na busca pela santidade?
- Pode haver um crente carnal, ou seja, uma pessoa ser salva, mas não crescer em santidade?
- Qual a importância da pregação e de se viver em comunhão na igreja, à luz da doutrina da perseverança dos santos?

Conclusão

Estudar as doutrinas da graça afeta profundamente o modo como nos relacionamos com nosso Deus e com o próximo, nos enche de conforto, consolo e segurança nos momentos de tribulação, e nos humilha diante do amor e da majestade do Deus eterno.

As doutrinas da graça não são meros conceitos que servem somente para enriquecer o intelecto. São a mais profunda revelação do amor, da glória e da soberania de Deus na sua maravilhosa e graciosa obra de salvação dos pecadores.

Por isso mesmo, encham o nosso coração de motivação para o evangelismo e para o testemunho cristão. Porque cremos que Deus chama eficazmente os seus eleitos através da pregação, sabemos que todo o nosso esforço jamais será em vão.

“Deus tem um povo escolhido, selecionado antes do princípio do tempo, um povo que ele vai salvar. Que verdade libertadora! À luz desta certeza, todos os crentes são convidados a participar com Deus da maior obra que se realiza na terra, a nobre missão de espalhar a mensagem de salvação para reunir os eleitos.” – Steven Lawson

“Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente.” **(Romanos 11.36)**

Vem, Senhor Jesus!

Bibliografia

ANGLADA, Paulo. **Calvinismo**: As Antigas Doutrinas da Graça. 2. ed. São Paulo: Os Puritanos, 2000.

CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã**. São Paulo: UNESP, 2008. Tomo 1.

CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã**. São Paulo: UNESP, 2009. Tomo 2.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

FERREIRA, Franklin. **A Igreja Cristã na História**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

GONZALEZ, Justo L. **A Era dos Gigantes**. São Paulo: Vida Nova, 1980. Uma História Ilustrada do Cristianismo, v. 2.

GONZALEZ, Justo L. **A Era dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1983. Uma História Ilustrada do Cristianismo, v. 6.

GONZALEZ, Justo L. **A Era dos Dogmas e das Dúvidas**. São Paulo: Vida Nova, 1984. Uma História Ilustrada do Cristianismo, v. 8.

HANKO, Herman; HOEKSEMA, Homer; VAN BAREN, Gise J. **Os Cinco Pontos do Calvinismo**. Brasília: Monergismo, 2013.

LAWSON, Steven J. **O Foco Evangélico de Charles Spurgeon**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2012.

LAWSON, Steven J. **Fundamentos da Graça**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2012. Longa Linha de Vultos Piedosos, v. 1.

LAWSON, Steven J. **Pilares da Graça**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2013. Longa Linha de Vultos Piedosos, v. 2.

LUTERO, Martinho. **Nascido Escravo**. 2. ed. São José dos Campos, SP: Fiel, 2007.

PIPER, John. **Cinco Pontos**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2014.